

O LÉXICO NAS CRÔNICAS DE ARUNE VALY: UMA IDENTIDADE DA MOÇAMBICANIDADE

Alexandre António Timbane¹

Resumo: A presente pesquisa versa sobre a importância da literatura, na divulgação do português de Moçambique nos meios de comunicação social e na escola. O léxico é a face mais visível da língua na qual se pode identificar neologismos, estrangeirismos e empréstimos linguísticos vindos do inglês e das mais de vinte Línguas Bantu faladas e escritas por moçambicanos. Analisando as trinta e três crônicas da obra “Coisas de Tete: Mitos, mistérios e realidades”, do escritor e jornalista Arune Valy procura-se analisar as características do léxico bem como a sua ligação com a cultura dos povos “nyungwés”, localizados na província de Tete a norte de Moçambique. A presença do léxico próprio do contexto moçambicano prova que a variante moçambicana existe e deve ser valorizada sem preconceito incluindo no ensino (educação).

Palavras-chave: Léxico. Crônicas. Português de Moçambique.

A minha língua portuguesa, repito a minha língua portuguesa, é a pátria que estou inventando para mim.
(COÛTO, 2009b, p. 196).

Considerações Iniciais

Poucos trabalhos têm se debruçado sobre o impacto das crônicas na variação e na mudança lexical nos países da lusofonia,

¹ Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras. E-mail: alextimbana@gmail.com

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 14	n. 23	p. 25 - 51	Dez. 2012. Recebido em: 29 out. 2012. Aprovado em: 03 dez. 2012.
-----------------------------	------------------------	-------	-------	------------	--

razão pela qual, quando se pesquisa, pouca bibliografia é encontrada referente ao tema. Essa é uma das razões por que nos dispomos a desenvolver esta pesquisa que, por outro lado, valorizará os escritores moçambicanos que por falta de oportunidade não têm aparecido na arena internacional, mas que fazem um trabalho importante na literatura moçambicana e em particular na lusofonia. Pretende-se observar, a partir de crônicas, como as unidades lexicais do Português de Moçambique (PM) dominam os textos ou obras dos escritores moçambicanos tendo em conta que esses textos circulam na aula de português.

Desta feita, escolhemos o escritor e jornalista Arune Valy por ser o mais popular, uma vez que é ouvido quase todos os dias, pela manhã, no Programa “Jornal da Manhã”, da Rádio Moçambique, produzido e apresentado por Emílio Manhique. A maioria dos moçambicanos admira o trabalho de Valy, sobretudo os temas ligados ao humor, às tradições dos povos africanos, às crenças e aos mistérios pouco conhecidos pelo mundo fora. Analisando aspectos lexicais duma das suas obras, pretende-se analisar o lado linguístico no qual se serve de base para apresentar os aspectos socioculturais da sua etnia, que é o povo *nyungwè*, quer dizer, a pesquisa discutirá os aspetos léxico-linguísticos nas crônicas de Valy, bem como explicará os processos linguístico-históricos da sua utilização concretamente na variante moçambicana.

É importante referir que esta variante não é reconhecida pelas autoridades políticas, embora sendo uma realidade na fala e na escrita do cotidiano dos cidadãos. O PM é uma realidade, pois reflete a identidade e a realidade sociolinguística bem como histórico-cultural dos moçambicanos. Começamos este artigo com uma frase do escritor moçambicano Mia Couto, para realçar que em Moçambique se fala/escreve na variante do português europeu, fenómeno que não é só de Moçambique, mas que pode ser observado no Brasil, em Angola, em Timor Leste, enfim na lusofonia. Ora, a “língua portuguesa” a que Couto se refere na obra não é criada nem inventada pela “política linguística”, mas sim é fruto da evolução natural originada pelos contextos sociolinguísticos, porque a língua é, na verdade, “uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 125).

Como *corpus* de pesquisa, utilizou-se o livro “*Coisas*

de Tete: Mitos, mistérios e realidades”, no qual foram analisadas todas as unidades lexicais que caracterizam o PM, conectando estas com os contextos histórico-culturais da Província (Estado, no contexto brasileiro) de Tete. Na verdade, esses aspectos não refletem exclusivamente a província de Tete, mas sim a realidade do povo moçambicano.

1 Contextos sociohistóricos e linguísticos de Moçambique

A história da Língua Portuguesa em Moçambique está intimamente ligada à colonização, pois foi este processo que a implantou, nos princípios do séc. XV. Aliás, a política linguística do sistema colonial classificava as mais de vinte Línguas Bantu (LB)² faladas no território como **dialetos**³, fato que contraria estudos recentes da linguística. As LB existentes em Moçambique (e não só) são línguas completas, com estrutura gramatical, sintática, morfológica, fonético-fonológica e lexical própria. Após o alcance da independência (1975) e por razões meramente políticas, o Governo da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) adotou o português como língua oficial, embora não sendo conhecida pela maioria da população.

Esta decisão, por ser mais política do que linguística, fez com que as nossas línguas maternas sejam reconhecidas, mas não usadas como oficiais, fato com que não concordamos, pois não existe uma língua incompleta linguisticamente falando. As LB só precisavam de um espaço legal para que pudessem ser usadas condignamente. A experiência da África do Sul⁴ (país vizinho de Moçambique) prova que os países africanos que deixaram de oficializar as suas línguas locais perderam

² O termo **bantu** é usado nos estudos da linguística moderna para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por pouco mais de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea, que se estende ao sul de uma linha que vai desde os Montes Camarões (ao sul da Nigéria), junto à Costa Atlântica, até a foz do Rio Tana (no Quênia), abrangendo países da África Central e Austral. (NGUNGA, 2004, p. 29-30).

³ O termo dialeto está “carregado de preconceito racial e cultural, pois dialeto é uma forma errada, feia, ruim, pobre ou atrasada de se falar uma língua. Também é uma maneira de distinguir as línguas dos povos civilizados, brancos, das formas supostamente primitivas de falar dos povos selvagens” (BAGNO, 2011, p. 380).

⁴ Na África do Sul, nas vinte e cinco diferentes línguas oficializaram-se apenas nove LB (isiNdebele, isiXhosa, isiZulu, siSwati, Sesotho, Sepedi, Setswana, Tshivenda e Xitsonga), uma europeia (o inglês) e uma recém-criada, o Afrikaans, que resulta do contato entre as línguas europeias e africanas (REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL, 2003, p. 5).

bastante. Na África do Sul, as línguas oficiais de origem africana são usadas nas escolas, nas instituições públicas, etc., para além do número de falantes, que tende a aumentar. Houve investimento na pesquisa sobre as suas línguas, fato que resultou na criação de dicionários, de gramáticas e de muita literatura. No caso de Moçambique, em particular, os problemas são grandes. Senão vejamos:

a) O número de cidadãos com LB como língua materna tende a baixar, tal como Gonçalves (2012) apresenta mais adiante nos quadros I e II.

b) Moçambique alcançou independência em 1975 e foram necessários trinta e três anos para conseguir padronizar a ortografia das línguas locais, segundo Ngunga e Faquir (2011), quer dizer, antes do acordo, os poucos que se interessavam pela escrita escreviam cada um do seu jeito.

c) Devido ao alto índice de reprovação no ensino em português, implementou-se em regime experimental (1993-1997) a educação bilíngue em xichangana-português (província de Gaza) e nyanja-português (na província de Tete), segundo Ngunga, Nhongo, Langa et al. (2010).

d) Existência de pouca literatura publicada em LB.

e) Preconceito, desprezo com relação às LB, fato que desencoraja as novas gerações em aprendê-las.

Após a adoção do português através da Constituição da República (artigos 9 e 10, p.3), esta língua passou a ser utilizada como língua de administração, de ensino, da literatura, dos *media*, símbolo de coesão, da unidade nacional e de comunicação internacional. O fraco domínio do português e o contato entre esta e as LB provocam situações linguísticas do tipo: neologismos, empréstimos e estrangeirismos porque é lógico que não se pode falar a variante europeia devido a distância geográfica. Está claro que “a situação linguística moçambicana é de tal forma diversificada que há novas narrativas, novas interpretações, novas metáforas e novos discursos” (DIAS, 2009, p. 414).

Por outro lado, sabemos que o **léxico** é a parte mais visível da língua, pois este é definido como o “conjunto de formas que representam a realidade, seja interna do sistema linguístico (palavras gramaticais), seja externa, do mundo dos objetos (pala-

vras lexicais)” (BORBA, 2009, p. 39). Segundo Vilela (1995, p. 13), o léxico “é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua”. Para o autor, o léxico é o geral, o social e o essencial.

É mais frequente a entrada de unidades léxicas de LB no PM, causado por força da distância geográfica (Portugal-Moçambique), das distâncias sociais, culturais, e sob a influência das línguas locais. Este fenómeno traz pouco e pouco novos vocábulos, novas expressões idiomáticas, novas construções inexistentes no português europeu, tal como Gonçalves (2005, p. 47-72) explica quando fala sobre os *Falsos sucessos no processamento do input na aquisição de L2: papel da ambigüidade na gênese do Português de Moçambique*. Voltando a insistir sobre o léxico, é importante sublinhar que este está conectado à história, como se pode ver nos exemplos apresentados por Vilela (1995) e Mbangale (2003): (a) *lobolar*, (b) *kandongueiro*, (c) *cooperante*, (d) *desconseguir*, (e) *confusionar*, (f) *mata-bicho*, entre muitas outras unidades lexicais.

a) provém do verbo *ku lovòla* (dote) da língua xichangana. *Lobolar* é ato de pagar dote aos pais da noiva, prática frequente em linhagens patrilineares.

b) alguém que pratica o negócio ilícito. Vem do substantivo *ka Ndonga* (indivíduo que faz negócios ilícitos). *Ndonga* é sobrenome.

c) nome atribuído a qualquer estrangeiro que vem em missão de ajuda.

d) não conseguir

e) ser confuso

f) É uma importação do contexto da língua xichangana. Na cultura bantu acreditava-se que quando alguém sentia fome havia bichos no estômago que roncavam procurando comida. Para os calar, era preciso comer alguma coisa. Até nos dias de hoje, os falantes da língua xichangana ainda dizem: *dlaya nyocana!* (matar o bicho!) para se referir à primeira refeição do dia, que ocorre antes das 12h. E, assim, houve transporte desse contexto para o português: *matabicho* que significa “café da manhã” (no português do Brasil) ou pequeno-almoço (no português europeu). É importante que em muitas LB não existe palavra para designar o “café da manhã”, uma vez que pela cultura se tem duas

refeições por dia: almoço e jantar. O café da manhã apareceu com as tradições/civilizações européias.

Ora, esta criação de unidades lexicais é uma característica “normal” das línguas. O português do Brasil é exemplo mais que claro que ilustra a criatividade lexical de uma língua: de *cheeseburger* se formou *x-burger* e seus derivados: *x-bacon*, *x-egueburger*, *x-salada*, *x-tudo*.

Moçambicanismos, segundo Vilela (1995, p.68), “seriam indícios claros de afirmação de norma própria: na maneira original como se adapta o seu vocabulário de origem bantu ao sistema do português”. Os indícios envolvem também aspectos morfo-sintáticos, fonético-fonológicos, semântico-pragmáticos e discursivos. Por isso, há vários publicados que mostram as especificidades do PM em todos estes aspectos linguísticos. Sendo assim,

a padronização da língua portuguesa em Moçambique seria apenas o reconhecimento de que a língua portuguesa não é uma realidade homogênea e unitária, ela tem em África uma variedade dialetal diferente [...] a variedade moçambicana pode ser perfeitamente padronizada. Ela tem a sua tradição histórico-linguística e, por isso mesmo, tem também a sua própria maneira de correção da linguagem. (DIAS, 2009, p. 415).

Apesar de evidências claras da diferença entre o português europeu e o português moçambicano, autoridades políticas ainda resistem em reconhecer essa variante de que, a cada ano, tende a crescer o número de falantes, tal como Gonçalves (2012) nos mostra no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Crescimento dos falantes do português e das línguas bantu.

LÍNGUA MATERNA	% de Falantes 1980	% de Falantes 1997	% de Falantes 2007
Língua Bantu	98.8	93.5	85.2
Português	1.2	6.5	10.7

Fonte: GONÇALVES, 2012, p. 4.

Pode-se observar claramente que, enquanto o número dos falantes das LB decresce, o número dos falantes do português tende a crescer. Este fenómeno se justifica pelo fato do português

ser língua oficial, de prestígio e valorizada, através do seu uso, na escola e na comunicação oficial, principalmente nas zonas urbanas. Hoje, a concentração da população nas grandes cidades moçambicanas se justifica por questões políticas: a guerra que terminou em 1992; e razões econômicas: procura pelas oportunidades de emprego e de serviços públicos básicos, tais como escolas, hospitais, etc. Este grupo populacional que se instala nas grandes cidades deixa de ensinar aos seus filhos as LB e começam a surgir moçambicanos com português como língua materna (L1). Vejamos os dados do quadro a seguir:

QUADRO 2: Crescimento dos falantes do português como L1 e L2.

	% de Falantes 1980	% de Falantes 1997	% de Falantes 2007
Português L2	23.2	33.0	39.7
Português L1 e L2	24.4	39.5	50.4

Fonte: GONÇALVES, 2012, p. 4.

O mesmo acontece com o número de cidadãos que têm o português como sua língua materna (L1). Este crescimento acelerou as transformações da Norma Padrão Européia para Norma Padrão Moçambicana. Segundo Timbane (2009, p.192), numa pesquisa realizada em cem famílias, todas residentes na cidade de Maputo (bairros de Polana Cimento, Central, Alto-Maé, Sommerchild), constatou-se que 92,4% das crianças tinham português como L1. Esse crescimento vai aumentar cada vez mais nos próximos anos.

2 A literatura moçambicana de expressão portuguesa

Este título parece um pouco inusitado. Primeiro, porque o povo moçambicano sempre teve a oratura desde a sua existência e segundo, porque atualmente já existe alguma literatura em LB embora a ortografia só tenha sido padronizada em 2008. O título visa a distinguir a literatura escrita em português daquela que é escrita em diversas LB usadas pela maioria da população moçambicana.

É importante sublinhar que, antes da chegada dos por-

tugueses e da colonização, em Moçambique predominava a oratura⁵ (oral) que é oposto à literatura (escrita). A oratura abrange as narrativas históricas, contos e lendas, adivinhas, poesias e canções. A tradição oral é a característica dos povos bantu na sua, visto que a escrita iniciou com o alfabeto latino ou romano. Muitos Seminários de Padronização da Ortografia (1º Seminário realizado em 1988; o 2º Seminário em 1999 e o 3º Seminário realizado em 2008) tiveram lugar em Maputo, cujo objetivo era de procurar consensos quanto à ortografia dessas línguas, porque, antes da chegada do colonizador com a escrita, as nossas línguas eram ágrafas.

A oratura é anónima, por natureza, tem as marcas de um trabalho coletivo que resulta das muitas interpretações que o povo foi realizando ao longo do tempo. O contador é um intérprete pontual da tradição e a transmissão oral é o seu carácter dominante nos povos bantu. A literatura popular é quase toda ela inventada para ser ouvida, pois o narrador e os ouvintes formam um todo, que a peça movimenta, provocando emoção e reflexões, que ora se ficam pela agitação interior, ora se exteriorizam por meio de gestos, exclamações, risos e comentários. Na oratura africana pode-se encontrar a poesia, o romance, o canto, as adivinhas, provérbios e muito mais.

Para esta pesquisa, dividimos a história da literatura moçambicana em dois períodos ou fases: colonial e pós-colonial. No período colonial, a literatura era a “arma de luta” contra as desigualdades sociais e opressão provocadas pelo sistema colonial. Este período foi marcado pelos escritores tais como: Rui de Noronha, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Knopfli, Marcelino do Santos, Orlando Mendes, Luís Bernardo Honwana, Rui Nogar, Sérgio Vieira, Armando Guebuza, Albino Magaia entre outros. O período pós-colonial passou a ser mais liberal e mais generalizado e foi marcado pelos escritores: Mia Couto, Ungulani Ba Ka Kossa, Lília Momplé, Paulina Chiziane, Eduardo White, Suleimane Cassamo, Aníbal Aleluia, Calane da Silva, Heliodoro Baptista, Sebastião Alba, José C. Patraquim, Leite de Vasconcelos, entre outros

⁵ O termo oratura, proposto pelo lingüista ugandês Pio Zirimu, na Universidade de Makerere, em Uganda, na década de 60, foi amplamente utilizado e propagado nas obras de Walter Ong (orature). Oratura ou oralitura surge como alternativa à expressão literatura oral por apresentar-se mais apropriada para o fim a que se propõe: designar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não (RASELEKOANE, 2010, p. 7-10)

(REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2010, p. 11).

Mia Couto, em uma entrevista realizada em abril 2012, explica que nos seus textos as palavras nativas de Moçambique surgem naturalmente. Segundo Couto,

por vezes, não existe equivalente entre línguas europeias e as línguas africanas. Pensamos que tudo pode ser traduzido. Mas existem conceitos e categorias que não podem ser transpostos. Por exemplo, a palavra europeia 'natureza' não tem equivalente nas línguas diversas de raiz bantu que se falam em Moçambique. Em contrapartida, o termo mais próximo, que nas línguas do Sul de Moçambique é 'ntumbuluku', não quer dizer exatamente 'natureza', mas um conceito mais integrado e holístico. Estamos perante uma filosofia que não distingue entre sociedade e natureza. (FIDALGO, 2012).

*O léxico nas
crônicas de
Aruno Vally:
uma identidade
da moçambicana-
idade*

33

A partir da reflexão de Couto, percebemos que a importação de unidades lexicais das LB não é somente uma questão de estilo, mas também de necessidade. A criatividade lexical é frequente na mídia e na literatura. Do ponto de vista de Leite (p. 43-53), pode-se notar o preconceito que a sociedade tem com relação aos neologismos⁶. A autora cita, por exemplo, as palavras *convivível*, *imexível*, unidade lexical que tem data do seu surgimento. Concordamos com Leite (Op.cit., p. 72) quando explica que o português sempre mudou e continua mudando. Não se trata de nenhum “erro de português” e, muitas vezes, em literatura este fenómeno linguístico pode ser motivado por estilo, criatividade e preocupação com beleza do texto.

A língua literária não tem uma linha única e “não é fácil de estremar os limites da linguagem, da língua e da estilística, mesmo porque tais conceitos permanecem ainda relativamente controvertidos, não obstante os avanços da Linguística” (SPINA, 2010, p. 216). Na visão do autor, o estilo abrange o “vocabulário lexicográfico, vocabulário cultural, a variedade sintática e linguagem figurada.” A neologia é o processo de criação de novas unidades lexicais (ALVES, 1994; GUILBERT, 1975). Em neologia, os neologismos são iden-

⁶ A neologia, segundo Alves (1994, p.1), é o “processo de criação lexical [...] que pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos.”

tificados a partir de um *corpus* de exclusão⁷ (geralmente dicionários). Vejamos alguns exemplos extraídos em três obras: *Estórias abensonhadas* (2009a), *Terra sonâmbula* (2007) e *O outro pé da sereia* (2010) de Mia Couto⁸. No quadro III estão apresentados neologismos que se formam de verbos e substantivos. No quadro IV há formação de novos nomes a partir de unidades lexicais.

QUADRO 3: Neologismos lexicais (substantivos e verbos).

Alexandre Antó-
nio Timbane

34

Estórias abensonhadas	Terra Sonâmbula	O outro pé da sereia
<i>cabecinhava/ desabandonado/ desbengalado/ xipefo/ dormitava/ zululuava/ inatingia/ tristonhava/ sozinhandando/ desajoelhar-se/ xicuembos / cozinhados/ azulando/txova- xitaduma</i>	<i>tiro-e-põe/ formigas-cadáver/ brincriações/ boquinhaberto/ descair/ sonhambulante/ desfolha/ doidoendo/ sonhatriz/despernad fantasiática/ vinticinco/ castanhamente/ esmãozinho</i>	<i>vapastori/ chikundas/ nyanga/ contra-mestre/ vangunis/afro- pessimismo muzungos/ lenga-lenga</i>

⁷ “Se o *corpus* de exclusão for constituído por dicionários gerais de língua, dir-se-á que o critério para a determinação do caráter neológico das unidades será o critério lexicológico. Além desse critério, também podem ser usados como critérios o sentimento de novidade e a instabilidade formal das unidades.” (CORREIA; BARCELLOS ALMEIDA, 2012, p.26).

⁸ Escritor, jornalista, biólogo moçambicano, galardoado com vários prêmios em Moçambique, em África e no mundo, autor de várias obras: *O último vôo do flamingo*, *Um rio chamado tempo*, *Uma casa chamada terra*, *Venenos de Deus*, *remédios do diabo*, *O fio das missangas*, *Cronicando*, *Vinte e zinco* e muitas outras.

QUADRO 4: Neologismos em nomes próprios (personagens das histórias)

Estórias abensonhadas	Terra Sonâmbula	O outro pé da sereia
<i>Infelizminha/ Maria/Cascatinha, Jorojão/ Pontivírgula/ Mintoninho Jonantónia/ Nãozinha de Jesus, Joãotónio/ J.Novesfora/</i>	<i>Vinticinco de Junho/ Junhito Siqueleto/ Virgininha/ Carolinda Ruisinho/ Euzinha/Jotinha Quintino/Farida/ Siqueleto</i>	<i>Jesustino/ Luzminha/ Matambira Zero Mandzero/ Dia Kumari Arcanjo Mistura/ Agripino Ildefonso/ Manamina</i>

O léxico nas crônicas de Arune Vaty: uma identidade da moçambicanidade

É importante sublinhar que estes fenômenos não só acontecem na literatura, mas também aparecem em outros meios de comunicação. Numa pesquisa realizada com vinte e sete “Cartas de Opinião”, do *Jornal Notícias* de Moçambique, Timbana (2012) demonstra as diversas manifestações do PM, através de estrangeirismos e dos empréstimos linguísticos, nesse órgão de comunicação social. Esse fenômeno linguístico acontece também no português do Brasil. Tal como Carvalho (1989, p. 36) comenta, “as línguas mudam incessantemente pela sua natureza de *enérgeia* (processo) e não de *érgon* (produto acabado) e pelo contato com as demais que ocasiona os empréstimos.” O português do Brasil empresta unidades léxicas do tupi (*assai, carioca, jacaré*), do italiano (*pizza, chau*), do japonês (*judô, karaôke*), do inglês (*shopping, xerox*), do francês (*griffé, madame, chic, batom*), do latim (*habeas-corporis, campus, bônus*). Agora passemos à obra que constitui objeto de pesquisa: *Coisas de Tete*.

3 As crônicas de ARUNE VALY: Apresentação e análise dos dados

3.1 Alguns aspectos teóricos

Uma crônica, no âmbito da literatura e da história, é um texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do cotidiano imediato, constituindo-se também em uma compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo. A palavra crônica vem do latim *chronica*, que significa o “registro de fatos comuns, feitos em ordem cronológica”. No passado qualquer documento de caráter histórico era designado por crônica. A palavra evoluiu e hoje crônica é um termo usado para definir um gênero narrativo ou reflexivo breve, episódico e comunicativo. A crônica se caracteriza por registrar, acima de tudo, um flagrante do cotidiano, em seus aspectos pitorescos e inusitados, com certa dose de humor e de reflexão existencial. Contém passagens líricas e comentários de interesse social e a linguagem é, quase sempre, coloquial e irreverente.

Em outras palavras, a crônica procura contar ou comentar histórias da vida, histórias que podem ter acontecido com qualquer um. O interesse será despertado pela escolha das palavras e pelo modo como elas serão colocadas, fazendo-nos conferir, pensar, refletir, questionar e entender melhor o que se passa dentro e fora da gente.

Pode-se distinguir cinco tipos de crônica: descritivas, narrativo-descritivas, líricas, reflexivas e críticas. **a)** Na “crônica descritiva” predomina a caracterização de elementos no espaço. Os cinco sentidos são utilizados, assim como a linguagem metafórica e adjetivação abundante. **b)** Na “crônica narrativo-descritiva” predomina a narração e a descrição se restringe ao cenário e aos personagens. Por outro lado, na **c)** “crônica lírica”, predomina a linguagem poética e metafórica carregada de emoção e de sentimento. **d)** Na “crônica metalinguística” descreve-se o próprio ato de escrever, de criar e de fazer literatura e, por fim, **e)** a “crônica reflexiva” contém reflexões filosóficas e procura analisar os assuntos e situações de maneira objetiva. Um exemplo deste tipo de

crônica é a obra do professor Sírio Possenti intitulada “A cor da língua e outras crônicas de linguística”, publicada em 2009.

A escolha das crônicas de Valy não foi ocasional. Tivemos acesso à obra de Mia Couto intitulada *Cronicando*⁹, publicada em 1991, e percebemos que tem poucos casos de moçambicanismos, fato que não nos ajudaria aprofundar no nosso objeto de pesquisa. Em toda obra do autor encontramos: *mezungos* (p. 97), *bula-bulas* (p. 134), *magumbas* (p. 181), *candongueiro* (p. 178), *xipala-pala* (p. 76). Para além disso, Couto traz temas da vida nos bairros e nas cidades (exemplo, *Um pilão no nono andar; O jardim marinho; Mulher roxa em vestido laranja*) até porque ele nasceu e cresceu na cidade da Beira.

O léxico nas crônicas de Arune Valy: uma identidade da moçambicanidade

37

3.2 As crônicas *Coisas de Tete*: Mitos, mistérios e realidades

Valy é jornalista da rádio Moçambique, onde publica com mais frequência as suas crônicas no Programa Jornal da Manhã, um programa noticioso que vai ao ar todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, na Emissão Nacional. As crônicas que vamos analisar neste artigo resultam desse trabalho que tem feito há mais de dez anos neste canal radiofônico. Como observamos nos conceitos de 4.1, as crônicas de Valy se enquadram nos tipos (a) e (b), quer dizer são descritivas, narrativo-descritivas. O estilo usado nestas crônicas se enquadra na teoria apresentada por Spina (2010), discutido na seção 3. Neste livro, Valy apresenta trinta e duas crônicas onde, em cada texto, tenta mostrar as particularidades do PM bem como a criatividade lexical e semântica que elas apresentam. Em muitos casos (como vamos ver a seguir) se socorre das LB para descrever situações inexistentes em português europeu ou brasileiro. Essas unidades lexicais provenientes das LB causam problemas de intercompreensão no seio de quem não conhece essas línguas.

Em uma entrevista realizada a 18/10/2012, Valy explica que sabe dessa dificuldade dos leitores, mas, por outro lado, é im-

⁹ É uma obra de 193 páginas na qual Couto apresenta 50 crônicas que abordam questões ligadas à política, à vida social, todas coloridas de humor, jogo de palavras, figuras de estilo, criação de palavras novas: *toutadizer* (p. 181), *nenhumanidades* (p. 191), *amendoimha* (p. 83), *sozinhez* (p. 134), *escrevâncias* (p. 163), *ondapés* (p. 187), *boleiro* (p. 180), *desesfêz* (p. 163), *verticaindo* (p. 84), *centidzenas* (p. 18), *primeirem-se* (p. 49), *bonitou-se* (p. 26), *parabéndizia* (p. 11), *baceccola* (p. 32), etc.

portante que ele se expresse na forma moçambicana (Português de Moçambique), brincando com a criação lexical e apresentação de outras unidades “que não existem numa linguagem normal e outras para dar mais piada, força, beleza à expressão.” (VALY, 2003). O uso da variante moçambicana revela a espontaneidade e a teoria que é impossível falar tal como se fala em Lisboa tendo nascido, crescido e estudado na Cidade de Tete, por exemplo. É que as línguas, segundo Mia Couto, “são as mais poderosas agências de viagens, os mais antigos e eficazes veículos de trocas. Sendo maioritariamente uma língua dos outros, o PM é uma língua de migração, um veículo com que saímos de nós e viajamos para dentro de uma nova cidadania” (COUTO, 2009b, p. 184).

Na verdade, Tete é uma das dez províncias (ou Estados) que se localiza a norte de Moçambique. Realmente, Valy mexe com aspectos da cultura africana, apresenta mitos, mistérios, tabus e realidades do PM em geral, temperado de humor cheio de “*manias* de procurar o esquisito para *cronicar* e de vez em quando não acreditando que estas coisas eram *acontecíveis*.” (Op. cit., 2003). As crônicas de Valy diferem das de Couto pelo fato de que elas tratam as questões culturais e filosóficas do povo de Tete, principalmente a vida no campo, a vida na cultura tradicional, trazendo mitos, mistérios e realidades que a etnia *nyumgwé* tem, aliás, fatos que fazem parte do dia a dia do escritor e jornalista Arune Valy. Na identificação e classificação dos fenômenos linguísticos nas crônicas teremos como material, um *corpus* de exclusão baseado no Dicionário Integral da Língua Portuguesa - 2008.

3.3 Os dados e as análises

3.3.1 Verbos e substantivos

Na obra, constata-se a formação de novos verbos a partir de adjetivos e substantivos. Para uma melhor compreensão, tomemos o seguinte exemplo:

...O que normalmente eu me *maniei* a chamar de costura na cintura... (p. 44)

A unidade lexical *maniei* é uma formação verbal neológica proveniente do adjetivo “mania”, cuja formação se enquadrou na primeira conjugação (-ar). As unidades lexicais *vaquear* (p. 63) e *paulando* (p.74) provém, certamente dos substantivos **vaca** e **pau**, respectivamente. Também foram enquadradas na primeira conjugação formando os infinitivos *vacar* e *paular*. Estes verbos não existem no dicionário consultado, o que quer dizer que são novas no português. A forma verbal *entusiavam* (p. 41) é nova e não deve ser confundida com o verbo entusiasmar já presente no Dicionário Integral da Língua Portuguesa (2008, p. 605). É uma construção nova cujo significado está ligado com o verbo **entusiasmar**. É raro mas existe nos textos.

Outro aspecto que merece nossa consideração nas crônicas de Vally é a presença de novos substantivos: *roubação*, *beben-tas* (p.15) / *maputação* (p.17) / *criança-mocha* (p. 21) / *curanderistas* (p.13) / *inencontrável*, *inquaniçável* (p. 24) / *zimdólar* (p. 31) / *escrevinhação* (p. 45) / *lescrevição* (p. 46) / *entendível* (p.56) / *hienismo* (p.74), *cabritismo* (p.74).

O substantivo catorzinha

Surgiu nos anos 1990, com a música do grupo musical *Tabanka Jazz*, proveniente de Guiné-Bissau. A unidade lexical *catorzinha* é referente a uma menina ou moça que vende sexo. De *catorzinha*, o cronista criou outras acepções, mas sempre com mesmo sentido, como se pode ver nos exemplos a seguir:

a)...*não vias os titios procurarem pedacinho da **13zinha** e por aí assim....*p.12

b)...*nocturnos acabei conhecendo e sendo teste minha de uma **10ginha** ou **10zinha**, como queiram [...] afinal a **10ginha** era curta mas funda [...] **10zinha** de chimoio...*p.14

c)...*vi então as **10ginhas**, as **13zinhas**, as **18tinhas**, **20tinhas** e as **30tonas**, sedentas e bebentas buscando [...] mas a **10ginha**, essa, ficou-me atravessada...*p.15

As três frases apresentadas acima mostram a criatividade lexical do Vally. Partindo do neologismo *catorzinha*, criam-se várias outras unidades que se assemelham semanticamente, quer dizer, são *catorzinhas* (prostitutas) de diferentes idades. O “ca-

torze” não só indica a idade das jovens prostitutas mas também indica o comportamento que é considerado criminoso na cultura dos povos *nyungwès*.

3.3.2 Estrangeirismos e empréstimos vindos do inglês

Antes de mais, observemos as frases, em particular as palavras sublinhadas:

a)...preocupado com nada porque para ele mais vale jobar do que andar a roubar...p.15

b)...viveram as suas casas em pequeno take-a-ways, e outros que nas redondezas...p.18

c)...então naquela noite e madrugada do show musical apanharia a ninguém...p.85

d)...debaixo dela desde o hotel até à paragem dos machimbombos, ali por detrás...p.86

e)...doméstico e provocantes quando á volta da cintura, os chamados beads...p.44

As unidades lexicais sublinhadas nas frases em **b)**, **c)** e **e)** provêm do inglês e conservaram a sua ortografia embora tenham perdido o seu significado. Por exemplo, *take-a-ways* é uma lanchonete ou um mercadinho. No contexto atual, num *take-a-ways* não é imperiosamente que a pessoa compra e vai. Geralmente colocam mesas e cadeiras nas quais as pessoas podem se sentar. Ao longo do tempo, o sentido da língua inglesa perdeu o seu sentido. No exemplo **c)** a unidade lexical *show* para além de significar espetáculo pode significar bom no português de Moçambique.

A unidade lexical *jobar* provém do inglês *job*, que significa trabalho, que passou a ser *jobar*, proveniente do verbo *to job*. Esta palavra evoluiu na sua ortografia (processo de aportuguesamento)¹⁰ mantendo obviamente o seu sentido semântico. A unidade lexical *machimbonbo* provém do inglês, *machine pomb* e assim evoluiu a ortografia para *machimbombo* que significa *ônibus* (no Brasil), *toca-toca* (na Guiné-Bissau), *autocarro* (em Portugal) ou *microlete* (em Timor Leste).

¹⁰ Estas “novas” palavras quando chegam na língua alvo (neste caso, no português) incorporam e usam as regras gramaticais. Assim, a palavra *tchova* é estrangeirismo enquanto que *tchovar* é empréstimo pois assimilou as regras do português. Assim, diremos: *eu tchovo*, *eu tchovei*, *eu tchoverei*, *eu tchovia* e assim sucessivamente. Este é o português moçambicano (TIMBANE, 2012, p. 10).

3.3.3 Estrangeirismos vindos das línguas bantu

Nesta parte mostraremos a influência da língua cinyungwe¹¹ que é língua materna do autor.

a)...na vida e no local de trabalho, procuram os nyabhezis e ainda os que não tendo...p. 62

b)...como se fosse a liquidar um prejuízo, o que eles lá chamam de dhemege [...]tanto do n'funa como do dhemuge não param (...) teve que pagar o n'fuma juntamente com o dhemege...p. 43

c)... de mágwe, onde o assunto do likankho está em evolução [...] um novo tipo de likankho...p. 44

d)...seja adulto ou jovem feito wacukhuma, vai chamar a todos os familiares ...p. 42

e)... mesmo aos pais para tratar do n'fuma que pode ser em produtos, dinheiro....p. 43

f)...outra malemgwa/malodza estava a dar-lhe naquele povoado...p. 81

g)...quando kubzaticar alguém....p. 85

Das palavras apresentadas nas frases de (a) à (h), algumas têm equivalência em português, outras não. Assim, o autor traz nos seus textos para marcar a sua identidade. Um falante cuja língua materna é xichangana, por exemplo, traria outras palavras da sua língua. É importante referir que os significados estão contextualizados. Para trazer os significados neste artigo, tivemos que contatar o autor via e-mail para poder nos decifrar, pois mesmo sendo falante pode ser impossível compreender o seu significado. É por isso que se diz que a língua está intimamente ligada à sua cultura. Senão vejamos:

a) nyabhezis são “curandeiros” ou “pais-santo” (no contexto brasileiro).

b) dhemege é uma espécie de multa por ter mantido relações sexuais antes do casamento (oficial ou tradicional).

c) likankho é medicamento que os homens ciumentos colocam/vacinam no corpo de suas esposas para que estas não traíam. Caso a mulher traia, o homem adúltero fica doente, deficiente e muitas

¹¹ É uma língua Bantu falada em Moçambique, na província de Tete (distritos de Moatize, Changara, Cahora Bassa, partes de Marávia) e também falada em outros países, como Malawi, Zimbábue e Zâmbia (NGUNGA; FAQUIR, 2011).

vezes morre.

d) *wacukhuma* é jovem ou criança considerado adulto através de ritos de iniciação ou considerações culturais.

e) *n'funa* é um conjunto de objetos, produtos, bebidas e dinheiro oferecidos no dote ou casamento tradicional.

f) *malemgwa* é coisa nunca vista, coisa inusitada, mistério do bom ou do mau e *malodza* é azar, má sorte.

g) *kubzaticar* é decalcar.

Como pudemos constatar, o uso da língua bantu nas frases é originada pelo estilo ou pela necessidade de designar fenómenos/coisas inexistentes no português. Para os leitores da província de Tete não precisa de tradução quando lêem/ouvem as crônicas, pois são falantes ativos da língua cinyungwè. Este fenómeno não só acontece com Valy, mas é uma técnica de Couto (2010, p. 141): *Foi pela estrada tchovando Quintino...* (livro, *Terra Sonâmbula*). O verbo sublinhado (*tchovando*) provém do verbo “ku tchova” que significa “empurrar” na língua xichangana.

3.3.4 Léxico histórico-político

As unidades lexicais: *hienismo*, *cabritismo* (p.74) e *candongga*, *xiconhoca* ou *chiconhoca* (p.35) estão contextualizadas num período em que Moçambique era um país monopartidário e predominava a política marxista/leninista embasada no socialismo/comunismo.

Sendo assim, *hienismo* vem do nome de animal selvagem *hiena*, que em contos e histórias da oratura aparece como um animal fácil de ser corrompido por outros, infiel com outros animais da floresta. Este comportamento existe em humanos e por isso quem se comporta assim é acusado “de ter praticado hienismo”. *Cabritismo* é uma outra palavra que designa aquele que é corrupto (mensalista-mensalão, no contexto brasileiro). O uso desta palavra partiu de um provérbio que diz: “O cabrito come onde está amarrado.” Desta expressão acabou ficando na fala/escrita dos moçambicanos que “quem desvia bens públicos ou rouba o bem comum” é cabrito. E a sua ação é *cabritismo*.

Passemos ao exemplo *candongga*, unidade lexical que

também está ligada ao momento histórico do povo moçambicano. *Candongga* refere-se à venda ilegal e apreços elevados de qualquer produto. *Candongga* é “contrabando de gêneros alimentícios, e outros produtos; carinhos fingidos, sonegação” (DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, p. 290). Por ser uma palavra de origem bantu, pode ser encontrado em várias LB, incluindo no português brasileiro. No português do Brasil, *candongga* é o local onde os escravos se escondiam para descansar e curar as feridas contraídas no trabalho forçado. No português de Angola e da Guiné-Bissau, *candongga*, para além de ser negócio ilegal, é também uma van de transporte semi-coletivo de passageiros que em Moçambique se chama “chapa 100”.

Vejamos o exemplo de *xiconhoca* que ilustra como a história e a política podem criar de novas unidades lexicais: Provém de uma história em que o *sr. Xico* ou *Chico* era fofoqueiro (*era metido*) comparado a uma cobra (*nyocà*, na língua xichangana). Logo a palavra fico *Xico, u nyocal* (*Xico, você é cobra!*) e finalmente a palavra passou a ser *xiconhoca* que significa “aquele que é reacionário, corrupto ou aquele que não partilha os mesmos princípios políticos”. Existe outra versão que defende que, durante a ocupação colonial, na Cadeia de Máxima Segurança da Machava, em Maputo, vulgarmente conhecida como B.O. (cadeira específica para presos políticos) havia um guarda prisional de nome Xico, que por ser muito mau e ajudar a polícia secreta nas torturas, chamavam-no por “nyoca” (cobra), daí o apelido *Xiconhoca*. Hoje, *xiconhoca* é qualquer pessoa que é reacionária, traidora, oposta em termos de ideias, enfim qualquer atitude semelhante. É uma palavra do PM, representando um momento histórico que começa antes e depois da independência e que só pode ser encontrada no contexto moçambicano. Neste momento a unidade lexical perde o seu sentido, uma vez que o país é democrático. Pela mudança do contexto político nacional, o termo começa a desaparecer ou sendo usado em outros contextos situacionais.

Outra unidade lexical específica do contexto moçambicano é “camarária”. Vejamos exemplo extraído do *corpus*:

... resultado, a fiscalização valendo-se das posturas *camarárias*, considerando um atropelo...p. 64.

No contexto moçambicano, “camarárias” são responsá-

veis pela guarda e manutenç3o do patrim3nio p3blico municipal e pela segurança dos logradouros p3blicos. No Brasil, s3o chamados por “guardas municipais” e em Portugal, “pol3cia municipal”.

3.3.5 Transformaç3o de acr3nimos/siglas em palavras

Na comunicaç3o, os acr3nimos e as siglas perdem o seu valor como tais, adquirindo o estatuto de palavra. 3 f3cil notar na fala ou na escrita de muitos falantes do portugu3s que os acr3nimos *radar*, *laser*, *aids* ou *sida*, *ipod*, *interpol* e muitos outros perderam o seu valor inicial. A perda resulta do uso frequente na vida cotidiana e passam a constituir palavras s3lidas na l3ngua. Imaginemos que um amigo conduz o seu carro a alta velocidade e voc3 chama atenç3o: *N3o corra porque nesta avenida tem Radio Detection And Ranging*. Ser3 que ele vai entender? Claro que n3o. Mas se usar o acr3nimo RADAR, que hoje j3 3 usado como palavra, compreender3 facilmente e com muita rapidez.

Valy apresenta nestas cr3nicas alguns fen3menos semelhantes. Vejamos as palavras sublinhadas:

a)...seria esse receio daqueles novos renamistas?...p. 27

b)*Diz uma velha canç3o frelimo: n3o vamos esquecer o tempo que passou...*p. 26

c)...de divulgaç3o nos jornais, mas r3dios ou nas TV's... p. 49

d)... se perguntassem os nomes dos DJ's saberiam dizer at3...p. 49

e)... um MIG, como daquelas m3quinas russas de guerra que haviam...p. 70

Os acr3nimos e as siglas, agora palavras: *renamistas* (proveniente da designaç3o do partido RENAMO - Resist3ncia Nacional de Moçambique), *frelimo* (proveniente do nome do partido Frente de Libertaç3o de Moçambique), *MIG* (proveniente de Mikoyan-Gurevich, nome da empresa russa fabricante de avi3es de caça, utilizados em combate a3reo). Por serem siglas longas ou de dif3cil pronunciaç3o, os falantes usam as siglas ou acr3nimos, perpetuando-os como palavras. O mesmo acontece/aconteceu com os siglas/substantivos TV's e DJ's que at3 s3o plurilarizadas.

Considerações Finais

Depois desta análise dos textos de Valy, resta-nos dizer que o estudo do PM é relevante no contexto do ensino do português em Moçambique. A variação é uma realidade que precisa ser tratada com cuidado e com muito afinco. O português brasileiro, por exemplo, é resultado do contato entre ingleses, espanhóis, japoneses, africanos, alemães e populações indígenas que sempre habitaram o continente. O PM é resultado do contato entre o português, as LB e o inglês. O Brasil está caminhando para combater o preconceito linguístico através da publicação de obras: dicionários, gramáticas, artigos, livros que mostram as variedades do português brasileiro. Em contrapartida, em Moçambique estão sendo desenvolvidas pesquisas para que a variante seja reconhecida e que surjam dicionários e gramáticas que descrevam as suas especificidades.

Voltando para as crônicas, vale defender que estes textos chegam de mansinho nas aulas de português, nas provas, nos exames de admissão (vestibular), etc. Os alunos, e principalmente os professores, devem estar preparados, precavidos e atentos a estas realidades linguísticas para passar boa imagem da nossa variante moçambicana, eliminando o preconceito de que só em Lisboa é que se fala o “BOM PORTUGUÊS” e que a nossa variante é “ERRADA”. O conceito “erro” linguístico é motivo de debate no “ringue” dos linguistas (Congressos, Seminários, Grupos de Estudos Linguísticos, Grupos de Pesquisa, etc.) pois, “Nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2008).

Nas crônicas de Valy, ainda se pode explorar as diversas variações de unidades lexicais. Vejamos o exemplo de **dinheiro**, que possui oito designações ao longo do texto, nomeadamente: *nota, mola, taco, chumbo, cumbú, dólar, zimdor, kwachas*. No contexto da corrupção, as crônicas trazem as unidades lexicais *hienismo, cabritismo*, sinônimos de *mensalão* no português do Brasil. A capacidade criativa do autor vai além do previsto, senão vejamos os verbos *descozer* (*descoziam*, p. 40) e *comiciar* (*comiciavam*, p. 41) revelam essa imaginação artística que deve ser decifrada pelos leitores/ouvintes das crônicas para além de serem neologismos do PM. Os empréstimos linguísticos das crônicas de Valy provêm

da língua inglesa (*show*/espetáculo, p. 85), *da língua* cinyungwe (*pantsil*/milagre, p. 80) e da língua xichangana (*canganhice*/enganar, p. 90).

A grande lição que se tira desta obra é a presença da variante moçambicana. A literatura moçambicana é obrigatória nas escolas primárias e secundárias de Moçambique e é frequente encontrar muitos textos nos livros dos alunos. Segundo o Ministério da Educação - Moçambique, o ensino da literatura moçambique é de extrema importância e ele deve ser feito através do tratamento sistemático e consciente dos autores moçambicanos e estrangeiros. O objetivo é de incentivar o gosto pela leitura.

A literatura fará com que os alunos se confrontem com um conjunto diversificado de vivências que propiciarão a aquisição de valores culturais, morais e intelectuais locais e globais, desenvolvendo também a “imaginação, criatividade, raciocínio crítico e que assimilem valores socialmente válidos como humanismo, respeito, aceitação de realidades alternativas, sensibilidade, entre outros” (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 2010, p. 10). Estes aspectos devem ser tratados (estudados) em paralelo com questões de **variação e mudança linguística** porque os textos apresentam características variadas quanto ao gênero, tipo e forma. Infelizmente, a **variação e mudança linguística** não é tomada em conta nas escolas moçambicanas. Se estes textos são a fonte do estudo da gramática, é certo que se está estudando o PM e não a variante europeia. Questões ligadas à variação deve ser discutidas em sala de aulas, mas isso passa pela formação ou reciclagem dos professores. Os Programas de Ensino da Língua Portuguesa não prevêm o estudo da variação, fato que é preocupante.

Os escritores estão cientes da variação e mudança linguística da língua portuguesa, embora sabendo que não é reconhecida pelas autoridades locais, através de dicionários e gramáticas. Mas eles usam a prerrogativa que têm de ter estilo e característica própria nos seus textos, pois os textos “são do povo”. Observamos isso em Arune Valy, em Mia Couto e em outros escritores moçambicanos, que teremos a oportunidade de estudá-los com mais profundidade. Para finalizar, pretendemos deixar, em reflexão, as palavras de Mia Couto que dizem o seguinte:

A escrita é uma casa que eu visito, mas onde não quero morar. O que me instiga são as outras línguas e linguagens, sabedorias que ganhamos apenas se de nós mesmos nos soubermos apagar. Da minha língua materna eu aspiro esse momento em que ela se *desidioma*, convertendo-se num corpo sem mando de estrutura ou de regra. O que quero é esse desmaio gramatical, em que o português perde todos os sentidos. (COUTO, 2009b, p.196-197).

O léxico nas crônicas de Arune Valy: uma identidade da moçambicanidade

EL LÉXICO EN LAS CRÓNICAS DE ARUNE VALY: UNA IDENTIDAD DE LA MOZAMBIKANIDAD

47

Resumen: La presente investigación trata la importancia de la literatura en la divulgación del portugués de Mozambique en los medios de comunicación social y en la escuela. El léxico es la faz más visible de la lengua, en la que se pueden identificar neologismos, extranjerismos y préstamos lingüísticos del inglés y de las más de veinte Lenguas Bantúes habladas y escritas por mozambiqueños. Analizando las treinta y tres crónicas de la obra “Coisas de Tete: Mitos, mistérios e realidades”, del escritor y periodista Arune Valy se busca analizar las características del léxico bien como su ligación con la cultura de los pueblos “nyungwés”, ubicados en la provincia de Tete, al norte de Mozambique. La presencia del léxico propio del contexto mozambiqueño prueba que la variante mozambiqueña existe y debe ser valorizada sin prejuicio, incluyéndosela en la enseñanza (educación).

Palabras-clave: Léxico. Crónicas. Portugués de Mozambique.

Referências

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipótese. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2011.

BORBA, F. S. As bases gramaticais do dicionário de língua. In: REZENDE, L. M.; SILVA da, B. C.; BARBOSA, J. B. (Org.). *Léxico e gramática: dos sentidos à construção da significação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Série Trilhas linguísticas, n. 16).

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CORREIA, M.; BARCELLOS ALMEIDA, G. M. de. *Neologia do português*. São Paulo: Parábola, 2012.

COUTO, M. *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Caminho, 2009a.

_____. *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009b.

_____. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia de Letras, 2010.

_____. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

_____. *Cronicando*. Lisboa: Caminho, 1991.

DIAS, H. N. A norma padrão e as mudanças linguísticas na língua portuguesa nos meios de comunicação de massas em Moçambique. In: DIAS, H. N. *Português moçambicano: estudos e reflexões*. Maputo: Imprensa Universitária, 2009.

DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA.
Lisboa: Texto Editores, 2008.

FIDALGO, M. *Mia Couto fala sobre a literatura de Moçambique e de sua relação com as palavras*. Disponível em: <www.saraiva-conteudo.com.br/Entrevistas/Post/45036>. Acesso em: 17 out. 2012.

GONÇALVES, P. Lusofonia em Moçambique com ou sem glotofagia? CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA, 2. São Paulo: USP (07-/02/2012). Disponível em: <www.catedraportugues.uem.mz/lib/docs/lusofonia_em_mocambique.pdf>. Acesso em: 21 set. 12.

O léxico nas crônicas de Arune Vaty: uma identidade da moçambicanidade

49

_____. Falsos sucessos no processamento do *input* na aquisição de L2: Papel da ambiguidade na gênese do Português de Moçambique. ABRALIN, v. 4, n. 1 e 2, p. 47-73, dez. 2005.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Cardoso R. Cardoso). São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MBANGALE, M. T. Particularidades lexicais do português em África. *Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias*, n. 9, 2003.

NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

_____; NHONGO, N.; LANGA, L. M. J. et al. *Educação bilingue na província e Gaza: avaliação de um modelo de ensino*. Maputo: CEA/UEM, 2010.

_____; FAQUIR, O. G. *Padronização da ortografia de línguas*

moçambicanas: Relatório do 3º Seminário. Maputo: CEA/UEM, 2011.

POSSENTI, S. *A cor da língua e outras croniquinhas de linguista*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

RASELEKOANE, N. R. *African-Language literature: Towards a multiple-Reading approach*. (Doutoramento em literatura). Universidade da África do Sul, Johannesburg, 2010.

Disponível em: <http://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/3948/thesis_raselekoane_a.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 out. 2012.

50 REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL. *National language policy framework*. Departamento de Artes e Cultura (de 12/03/2003). Disponível em: http://www.dac.gov.za/policies/LPD_Language%20Policy%20Framework_English%20_2_.pdf . Acesso em: 15 out. 2012.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Constituição da República (de 19 de novembro de 2004). Disponível em: <<http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, Ministério da Educação. *Português, Programa da 12ª classe*. Maputo: INDE/MINED, 2010. 68p. Disponível em: <<http://www.mec.gov.mz/img/documentos/20100331060341.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2012.

SPINA, S. *Ensaio de crítica literária*. São Paulo: Edusp, 2010.

TIMBANE, A. A. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Via Litterae*, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae>>. Acesso em: 17 out. 2012.

_____. *A problemática do ensino da língua portuguesa na 1ª classe num contexto sociolinguístico urbano: o caso da cidade de Maputo*. (Dissertação de Mestrado em Linguística). Universidade Eduardo Mondlane. Maputo. 2009.

VALY, A. *Coisas de Tete: Mitos, mistérios e realidades*. Tete: INDE, 2003.

VILELA, M. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

*O léxico nas
crônicas de
Arune Valy:
uma identidade
da moçambicana-
idade*

51